

The Project Gutenberg eBook of Jaime de Magalhães Lima

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Jaime de Magalhães Lima

Author: José Agostinho

Release date: January 3, 2009 [eBook #27689]
Most recently updated: January 4, 2021

Language: Portuguese

Credits: Produced by Pedro Saborano. A partir da digitalização disponibilizada pela bibRIA.

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK JAIME DE MAGALHÃES LIMA ***

OS NOSSOS ESCRITORES

VI

JAIME de MAGALHÃES LIMA

POR

JOSÉ AGOSTINHO

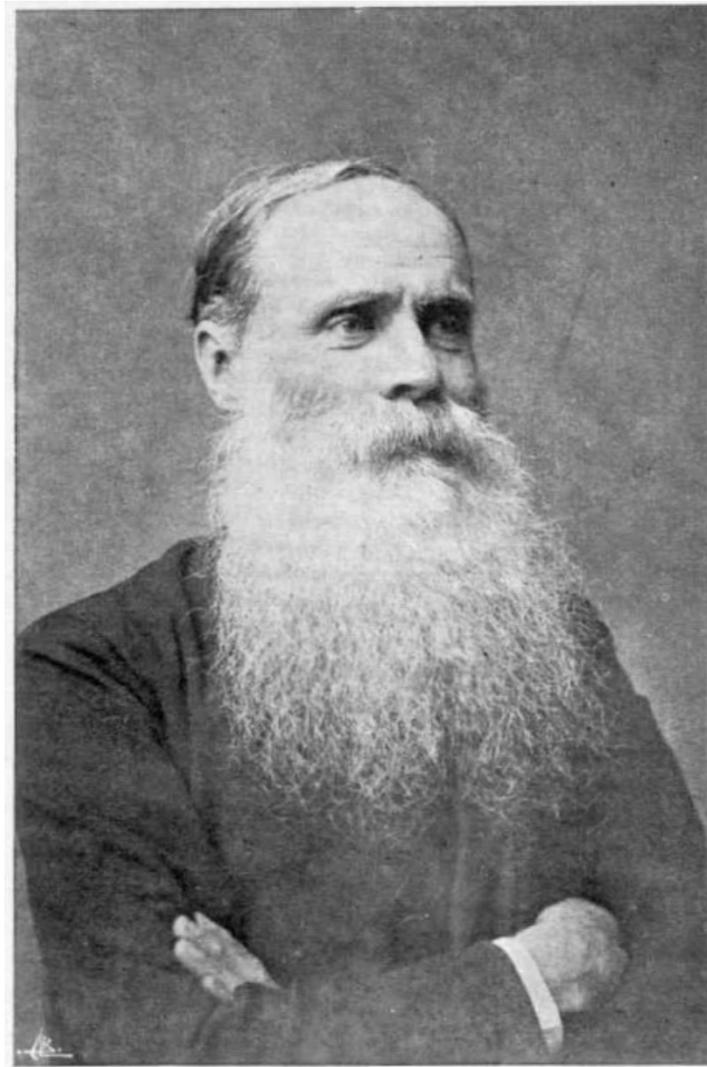
*

CASA EDITORA
DE
ANTONIO FIGUEIRINHAS
1911

Deposito Geral:
LIVRARIA PORTUENSE, de Lopes & C.^a
Suc.^{or}
119, Rua do Almada, 123
PORTO

OS NOSSOS ESCRITORES

VI



Jaime de Magalhães Lima

OS NOSSOS ESCRITORES

VI

JAIME de MAGALHÃES LIMA

POR

JOSÉ AGOSTINHO

*

CASA EDITORA
DE
ANTONIO FIGUEIRINHAS
1911

Deposito Geral:
LIVRARIA PORTUENSE, de Lopes & C.^a
Suc.^{or}
119, Rua do Almada, 123
PORTO

SUMARIO

Uma monstrosidade do Passado—A Meza Censória—Torquemada e Escobar—A critica com o constitucionalismo—Como a Meza Censoria persiste—A hypocrisia—Que critica a Republica recebe das mãos da Monarquia—O que ela é, em geral—Como ha de haver Arte livre?—Como ha de haver escritores e editores?—Os unicos trabalhadores livres—O faciosismo na politica e nas letras—José Caldas e Joaquim Costa—Emilio Littré e Augusto Comte—Madame Comte e Clotilde de Vaux—Uma liberdade que a Republica tem de conquistar—O heroismo português—Trabalhadores independentes—Verdades sobre Garrett—Verdadeiros livres-pensadores—Camilo, Inacio Pizarro, Pedro de Lima, Jorge Artur, Hamilton, J. A. Vieira, S. Dias, A. da Costa, A. T. da Silva Leitão e Castro, P. da Cunha, J. de Lemos, A. da Conceição, Guilherme d'Azevedo—Os Magalhães Lima—O dr. Sebastião de Magalhães Lima—Jaime Lima e o seu refugio—A sua vida moral e mental—Ideias de Malebranche, Pascal, Moutesquieu, Guyau, Amiel e Fouillée—Constant Martha e Lucrecio e Epicuro—Jesus-Cristo e Tolstoi—A Terra—Impopularidade voluntaria—Heroismo perfeito—Filósofo na poesia, sociólogo no romance, pensador na critica—*Apostolos da Terra*—Amostras de estilo—*Via Redentora*—*Vozes do meu lar*—Um belo excerto—Eduardo Schuré—Defeitos—Melchior de Vogüé—O que seria desejavel na obra de J. de M. Lima—O romancista—Superioridade notavel—Julio Dinis e Camilo—A unica lei duravel da estetica positivista—Uma animação de Lessing—Lessing e Winchelmann—A influencia de Platão e do pintor Oeser—J. de M. Lima e Balzac, Victor Hugo, Flaubert e Tolstoi—Eça de Queiroz e Julio Dinis—O romance *Na paz do Senhor*—Qualidades excellentes—Nem Pangloss nem Baudelaire—Tipos verdadeiros—Os romances *No Reino da Saudade* e *Sonho de Perfeição*—Verdadeiros modelos—O critico—*Menor e servo S. Francisco d'Assis*—Esquecimento das obras de Prudenzano e Pardo Bazan—Guerra Junqueiro—Leonardo Coimbra—Superioridade de J. M. de Lima—*Alexandre Herculano* e *José Estevão*—Nem Planche nem Sainte-Beuve—Balzac e Werdet—Alfredo de Vigny—José Estevão, Danton, Robespierre, Lamartine e Mirabeau—Fernandes Tomás e A. José d'Almeida—A conclusão dum belo livro—Serenidade nos processos criticos—Porque destacamos a figura de J. de Magalhães Lima.

[7]

Uma das monstrosidades do passado, e ainda com predominio no presente, é a escravidão da consciencia. Horror e vergonha da Humanidade, foi Meza Censoria, depois de ser cátedra e pulpito, fogueira e pôtro, força e anátema.

Julgou sempre sem autoridade de juís, porque foi sempre verdugo. Nunca pôde ser lei pura, porque foi sempre suplicio e ignominia, patibulo.

Para cometer o seu crime com prestigio, com absolvição plena dos seus rancores, abrigou-se em todos os refugios sagrados e vestiu todas as túnicas luminosas: a túnica de Jesus-Cristo, a pretexta de Catão, o manto de Sócrates.

Tudo lhe serviu para armadura, escudo, auréola e máscara.

Entre nós, como em toda a Europa, esse monstro alapardou-se na rigidês da ortodoxia intolerante que apedrejou Fénelon, e mordeu o calcanhar branco de S. Francisco d'Assis. Deu a Torquemada o báculo do pescador Pedro e a Escobar o principado de S. Francisco Xavier. Ululou, queimou, deturpou, assolou, enxertando a alma negra de Atila na haste aromal do Evangelho, voz e guia da Humanidade em jornada.

[8]

Veio, entretanto, a Liberdade no constitucionalismo. Como vitoria? Infelizmente mais como vingança do que como evolução. As verdadeiras vitorias não se vingam: destróem, mas construindo. A liberdade do constitucionalismo foi principalmente represalia e assim a velha intolerancia não se extinguiu: deslocou-se, dissimulada, cavilosa.

Extinguiram a Meza Censoria? Decerto, mas não se extinguiu o espirito do faciosismo, meza censoria latente e multipla que perpetra os mesmos crimes contra a liberdade do pensamento e do sentimento.

O regimen constitucional opôs á intolerancia a intolerancia, ao odio o odio, ao despotismo sanguinolento, odioso em suplicios fisicos, a tirania da opinião preconceituosa sobre todo o trabalho mental.

E esta com um involucro repugnante: a hipocrisia. Todos são livres de opinião! clamaram os caudilhos de Mousinho da Silveira. Entretanto, quem ficáva deveras livre era só a opinião dos dirigentes do regimen.

Divergir corajosamente dela era o escandalo. Se a obra intelètual não ficava suprimida de direito, ficava-o de facto, tão excomungada, tão deprimida, que ninguem a lia.

[9]

Esta tirania mental e moral criou entre nós a critica, como da Monarquia a acaba de receber a joven Republica.

Os atuais governantes já a devem ter lobrigado no seu antro, onde esperamos que a hão de sanear. Diz-se liberal e é absolutista. Diz-se justiceira e é pessoalista e sètaria. Apregôa independencia, e acarinha apenas vaidades individuais. Guia-se pela influencia dos habilidosos e audazes. Flagela os cabotinos e, afinal, para alcandorar muitos deles, ou desdenha dos honestos, ou beneficia estes com epítetos de misericórdia, que são afrontas flagrantes, ignobeis.

Não tem, não póde ter, meios termos: ou turibulo ou chicote. Não arranca das trevas um desconhecido de merito, mas arraça de lentejoilas muitos nulos.

E, entretanto, todos se queixam de que a nossa literatura e a nossa arte tombam em decadencia.

Mas, porque não, se Portugal se tem regido sempre pela peor tirania, pela adulteração da Liberdade?

Como querem Arte livre sem critica livre? Como querem os escritores e os editores que o publico leia, se os poucos não analfabetos do país, em vez de lêrem *tudo para discutir tudo*, ainda têm diante dos olhos o seu *Index* conforme o partidatismo apaixonado que os domina? [10]

Quem ha de trabalhar num *meio* assim? O verdadeiro trabalhador? Mas esse não procura nunca os criticos vulgares. Procurá-los é confessar baixeza, é ter até de oferecer deprimidamente jantares ou ceias, ou joias, a troco de elogios, é renegar implicitamente toda a ciencia e filosofia moderna, toda a razão e toda a fé e sentimento; é aceitar um qualquer partidatismo intolerante; é pôr a Arte debaixo da tutela de qualquer efemero fetiche; é condenar-se a ser escravo do erro, se ele domina, ou da paixão se ela triunfa.

Ficam, pois, só vitoriosos e livres os maus trabalhadores, os que não têm sinceridade, os que não têm principios.

Em vão a Ciencia e a Razão lhes dizem que a Republica, por exemplo, em todas as suas demolições é compativel com todos os grandes principios, até com os dum elevado espiritalismo; que se póde ser cristão e ser democrata, obrigando o Estado a separar-se da Igreja dentro da justiça pura; clamando ao atual governo que não páre, que êrga o verdadeiro edificio da liberdade, que vá, pouco a pouco, demolindo e construindo, dando golpes energicos á Burguezia da agiotagem e erguendo os humildes, o Povo, dentro da consciencia desoprimida.

Eles não ouvem, nem pódem ouvir, tanto na vida politica como na vida artistica. Convém-lhes perturbar. Merece-lhes todo o apoio o Capitalismo que exploram. O que os preocupa é vencer depressa. Nunca é um ideal, porque este, quando sincero, é feito de toda a justiça, dentro de toda a austera tolerancia. O que os atrai é a popularidade e ela, embora mais tarde por vezes de nada sirva, lisongeia agora o amor-proprio de quem nem possui talento nem caráter, de quem não é democrata se não para poder ser plutocrata. [11]

E estes séticos de hontem e acomodaticios de hoje é que fazem a Critica contemporanea, raras vezes digna. Vemos que elogia ignobilmente, e incondicionalmente, só o correigionario, ás vêses de ha minutos, ou só o que é audaz no pedir, ou só o que é habil no grangeio de amizades entre plumitivos, ou o que, algumas vezes, encontra a peso de oiro uma trombeta passiva e estrepitosa a aturdir a opinião, os ingenuos, os simples e, emfim, por contagio, os proprios cultos e inteligentes!

Onde está, pois, o lugar dos grandes e verdadeiros trabalhadores?

Raras vezes aparece. Para o corajoso e liberrimo cristianismo de José Caldas lhe não negar a primasia de democrata, foi preciso que a Republica tivesse dado o exemplo da sua gloriosa imparcialidade, fazendo, do grande homem de letras, seu ministro em Roma. Assim, para Joaquim Costa na Espanha, morrendo na velha fé, ter a apoteose admiravel que foi o seu enterro, justiça triunfal a um lutador de sempre, foi preciso que o partido republicano espanhol emudecesse os intolerantes negros e escarlates com a luminosidade e generosidade da obra do extinto, gloria peninsular e mundial. [12]

Mas, que admira, se na França Emilio Littré deprimiu, não ha muitos anos, a progressão moral de Augusto Comte, favorecendo com azedumes e sofismas o odio estreito da Madama que nunca perdoou ao marido o predomínio espirital e as graças angelicas de Clotilde de Vaux? Não se esqueceu então Littré do valor mental de Comte só porque supôs apostasia sètaria o que era progressão psicológica? Poderemos nós ser superiores ao amado *figurino*?

Nada de estranhar é, pois, que tenhamos ainda, não já oficial, mas sempre prepotente, uma perfeita e absurda Meza Censoria.

D'aí esta decadencia mental e moral, toda reflètida na pequenês da Critica.

D'aí um dos grandes problemas da liberdade a conquistar. Talvez a Republica o venha a resolver lentamente, com profundas angustias intimas, tão crueis como as de tantos que, na melhor das intenções, para não excitarem os ódios dos cégos e dos furiosos, aparentam crer que a politica póde impôr a fé ou o ceticismo religioso, a velha ciencia, ora dogmatica ora metafisica no seu materialismo, ou a moderna, essencialmente positivista, sim, mas porque não abre só os olhos da Razão, e dá emfim liberdade scientifica e pura aos do Coração. [13]

A boa alma portuguesa, resplandesce de continuo em prodigios de heroismo. E o heroismo em Portugal está em toda a parte. É condição ethnica. É attributo de povo celta, beijado de perto pelo mar profundo e carinhoso.

Apezar de a nossa critica ter raras consciencias livres, houve sempre, e ainda ha, trabalhadores intelêtuais que sofrem pelo seu ideal sem transigencia com o flagelo da impopularidade. Nem todos se bandeiam com os favores da opinião desvairada. Nem todos procuram na politica, além dum talher, um carimbo com esplendor de corôa. Ha ainda alguns que não perdoam a Garrett elogiar-se a si proprio nas gazetas, e que, só porque ele foi orador primoroso, homem do mundo, legislador feliz, não vão negar que o *Arco de Santana* é mediocre, que as suas poesias liricas nunca excedem as de Soares de Passos, Simões Dias e João de Deus, e que, se não fôra o seu destaque politico, a beleza lapidar do *Fr. Luis de Sousa*, da *D. Branca*, das *Viagens* e do *Camões*, não teria encantado tanto aquêles mesmos que não viram no feroz Padre Macedo, caceteiro torvo de D. Miguel, o primeiro poeta didático de Portugal e da Peninsula. [14]

Ha muitos ainda que não descem á construção astuta da sua immortalidade, pondo-se á frente de todos os movimentos com probabilidades maiores de vitoria, vestindo-se de apóstolos e de leões, segundo o lance, ora usando óculos de profeta, ora vestindo mantos de senadores com um rochedo de Patmos á mão direita.

Por Deus, que ainda ha, e haverá sempre, em Portugal verdadeiros livres-pensadores e por isso heroicos, sem reclamo na sua abnegação e laboriosidade intrepida.

Anulam-nos? Respondem, trabalhando. Morrem ignorados na liça, ou sistematicamente deslembrados? A sua agonia é um sorriso; a sua resignação ilumina as gerações porvindoiras, e dessa luz vem a mais tarde a justiça inteira.

Assim succedeu ao próprio Shakespeare, esquecido durante dois seculos. Assim, entre nós, succedeu ao cronista Brandão que Alexandre Herculano rehabilitou.

Assim foi visto, em plena gloria de Garrett, aquele alto poeta, que Camilo festejou, Inacio Pizarro de Moraes Sarmiento, tão companheiro no olvido—sempre temporario dentro da justiça dos povos—de Pedro de Lima, de Jorge Artur, de Hamilton, de José Augusto Vieira, de Simões Dias, de Antonio da Costa, de Antonio Tomaz da Silva Leitão e Castro, de Pereira da Cunha, de João de Lemos, de Alexandre da Conceição, de Guilherme de Azevedo, e de tantos, por vezes suplantados por homens muito menores. [15]

E, atualmente, não sabemos doutro mais elevado de intelêto, mais verdadeiramente pensador e artista, do que Jaime de Magalhães Lima.

Quem é?

Ninguem em Portugal desconhece os Magalhães Lima. Um velho austero e popularissimo em Aveiro usou esse nome, legando-o a dois homens singulares de meritos, a dois irmãos: Sebastião e Jaime.

O primeiro entregou-se á onda do povo, dominando, arrastando por vezes os espiritos com um verbo ora romantico, ora rigido, talvez intolerante, mas talvez no intimo cortado de duvidas profundas. Expandiu-se brilhantemente no jornal, no opusculo, algumas vezes no livro. Galgando as fronteiras, bebeu no estrangeiro as sinteses mais sedutoras e novas, propagou-as com valor, com fé, com tenacidade, deu-se com elas todo á politica, fez-se combate e a seguir meditação para voltar a ser luta, ora quebrantada de melancolia, ora amargurada de deceções.

É evidente que esse homem teve logicamente a popularidade que, afinal, nunca mendigou. Não a evitou, embora não a suplicando. Não a desamou, embora pedindo-lhe por vezes ou mais justiça ou mais cordura. [16]

Jaime ficou no seu lar e no seu jardim, ao pé das suas flores e das suas brumas. Como? Egoistamente? Fruindo a fortuna, o prestigio paterno, o renome do irmão, o livre amor da Arte? Responde por nós Sebastião de Magalhães Lima, numa tarde melancolica, nevoenta como uma utopia, dentro do seu pequenino gabinete da *Vanguarda*:

—Quem me dera ter a elevação mental e moral de meu irmão Jaime!

Eis uma definição alta e independente, digna como a Justiça sem mácula.

Jaime de Magalhães Lima refugiava-se: não fugia da luta. Do refugio, fez o estudo; fez a consciencia. Leu ali tudo, ouviu todos, e depois ouviu-se a si mesmo dentro de toda a liberdade. Tutela mental não a aceitou a ninguem; se a procurou mais tarde, foi porque a encontrou no caminho como voz de consciencia alheia que concorda com a nossa.

Não se esqueceu da frase de Malebranche: Todos pretendem ter razão, ao seguirem afinal as sugestões dos seus sentidos. Compreendeu cêdo aquêle perigo que apontou Pascal no imperio do amor-proprio, imperio que significa o maior ódio á verdade, e viu, com o mesmo grande homem, que o principio da moral é esforçarmo-nos sempre por pensar bem. [17]

Como literato, afê-se a ver a critica pelos canones suaves de Montesquieu, mais tarde ampliados por Guyau e, entretanto, a sua alma lavada avistava, e logo palpava, sem tortura, por livre intuição do fundo da sua Arte, as verdades de Amiel quanto ao *ideal* e ao *real*, quanto ao ceticismo, pai seguro da tirania, por mais que êle prêgue a liberdade. Encontrou tão luminosos limites á teoria da *superioridade da ação sobre o sonho* do referido Guyau, valetudinario antes dos 30 ânos, e morto aos 34, todo impelido sempre mentalmente pelo espirito de Fouillée, como ensanchas generosas para a delicadeza de Constant Martha, esse homem estranho que chegou a provar a religiosidade do poeta Lucrecio e do proprio Epicuro.

Nesta liberdade sã viu Jesus-Cristo no libertarismo genial de Tolstoi. Compreendeu que, assim como a arte da Grecia é um alento na mais larga vida da civilização cristã, assim a arte devida ao cristianismo palpita na sociedade futura, trazendo já a vitoria do espiritualismo nas lucubrações livremente experimentais da Ciencia.

Entretanto, o seu refugio não lhe fês esquecer a Terra, *meio* indestrutivel das manifestações da sua alma, e amou-a, e cantou-a, e não lhe negou um culto sadio e amavel.

Mas tudo isto não rogando favores do publico, nem os da bolsa nem os da fama.

[18]

Resignando-se com a relativa impopularidade duma obra profunda, independente de faciosismos, livre de conveniencias estreitas. Não procurando o plumitivo hiperbólico, o correligionario maleavel, o agitador apoteótico, o reclâmo do amigo, a furia do inimigo, o escandalo do indifferente, nada do que atráí atencões, do que provoca discussões, do que escalda temperamentos.

Tudo isto como um regato no ruido dos passos, embora como um grande rio no poder de corrente. Tudo isto duma maneira silenciosa, ainda que penetrante, como os bons arômas.

E, nisto, vindo as cãs, e com elas a pureza maior, a elevação da filosofia esoterica, a radiosidade da arte, a paz perfeita do coração, a santidade e maior verdade da palavra, não veio a popularidade.

Não admira. Ilogico seria o contrario. Tolstoi precisou de escandalizar a Europa, embora involuntariamente, para se reconhecer como era um genio moral e mental. Jaime de Magalhães Lima, avisado pelo exemplo do Mestre do Caucaso, não póde ser precipitado na justiça pelo escandalo involuntario sequer. A sua modestia, verdadeira a ponto de ser excessiva, até desse destaque o afasta. Facilmente se vê quanto ha de heroico na virtude perfeita, e o notavel escritor é dos poucos que ao talento superior junta a virtude sincera.

[19]

*

Jaime de Magalhães Lima, com aquelas barbas de neve, com o olhar plácido e franco dum velho cristão, vegetariano, simples em todos os habitos, é um poeta-filosofo, um romancista-sociologo e um critico-pensador.

Como poeta, não escolhe o verso: maneja com fulgor e nitidez uma prosa opulenta e, ao mesmo tempo, substancial. A sua poesia é a sua fé no maior amor de todos. Combativa? Sempre, mas porque é inabalavelmente tolerante. A combatividade raivosa denuncia ou doença da alma ou enfermidade pessima do caráter. Jaime de Magalhães Lima tem a saude perfeita e tranquila no corpo e na consciencia.

Quais os seus poêmas? Abramos um: *Apostolos da Terra*. É um rosario de melodias doces e profundas á Natureza. Em cada melodia a emergencia duma verdade, por vêses tão heroica que é a confissão duma culpa, só insignificante aos olhos dos nulos. Mas isto numa enorme e solida ciencia, como numa erudição rara. Isto, com um estilo original e sincero, vernáculo e vivo, como o atestam as seguintes rápidas amostras.

Na *Sede de Brancura*: «Tem sêde de brancura a nossa alma, de brancura que corra como o sangue e seja casta como a madrugada.

[20]

A neve, o diamante, aguas e nuvens são brancas, mas debalde lhes pedimos que palpitem e ministrem comunhão na translucida essencia do seu brilho.

Desliga-as do bater dos corações uma calma frieza sem piedade, como se fôsem estranhas ao seu ritmo, ou passassem de longe, ignorando a constante agitação d'amor que os faz pulsar».

Na *Irmã do Mar*: «Misterio!... É bem salgado o mar e a seara é dôce. Encerra o trigo a esperança de crescer, o latejar do sangue e do calor que alimenta a beleza a mais gracil e a consciencia austera e redentora na profunda expressão do seu poder. É corrosivo o mar e, destruindo, nem ás pedras perdôa, desunindo a liga cristalina que se fês na pureza sublimada d'altos fôgos. E vivem ambos, a seára e o mar, na eterna agitação do seu aneio!... Quem sabe?! Talvez sôfram ou se exaltem no delirio do mesmo amor, sagrado por destino de quem sem êrro guia os sóes e o mundo no triunfo divino da Harmonia».

E o mesmo alto ideal, puro sentimento, e por vêses estudo de árduos problemas, nos outros poêmas em prosa, *Via Redentora* e *Vozes do meu Lar*. No primeiro dêstes, e tambem para exemplo do estilo do notavel escritor, bastam estes periodos do belo canto que é *A Enxada*:

«O cavador ergueu-a novamente. Rompe o sol; sobre os carvalhos loirejou fulgores; dissipa a treva na montanha; beija certamente a lamina polida; e a enxada, em sagrada ancia de triunfo, inunda o arvorêdo e a seára de clarões de estrêla. Batisou-a o fogo no rubor da forja, e deu-lhe a pureza, diamantina voz, para entoar os cantos da luz celeste».

[21]

Não ha aqui tanta espiritualidade moderna e sã como no melhor trabalho de Eduardo Schuré?

Não é aquêlo estilo simples, limpido, espontaneo e, ao mesmo tempo, magnifico de eufonia e graça?

Comtudo, será o escritor sem defeitos? Não, até porque, como é logar-comum dizer, os tiveram Milton, Dante e Camões. Por vêses, ha na sua prosa poetica raptos que se esquecem demais de quem os póde ver. Fógem demasiadamente do espirito dos mediocres, o que contradiz involuntariamente, mas de facto, todo o seu generoso e completo amor aos humildes. Neste ponto ha bastante da pecha principal de Melchior de Vogue: aristocracia involuntaria dentro da elevação ardente duma Arte que só pretende, afinal, fecundar a alma do Povo, porque até, não sendo assim, seria descabida.

D'aí, algumas obscuridades no estilo, raras, muito raras, dignas de emenda, porém, e ainda o uso aqui e ali de epitetos eruditos, mas gastos, crispados de sonoridade emphatica.

Às vezes, um mal grave—a como que convicção de que mais escreve para si proprio do que para o seu tempo e para a sua geração.

[22]

E porisso, apesar de frequentemente cristalino, limpido, adoravel de verdade, de sentimento de vida, nestes poêmas em prosa destôam a espaços requintes preciosos, só acessiveis alguns aos espiritos altos e muito cultos. Este defeito não afêta demais a obra no valor intrinseco: priva-a de ser frutifera em toda a sua intensidade, o que é sempre deploravel num *meio* como o nosso, assim inculco, esteril, carecido de verdadeiras obras.

A filosofia de Jaime de Magalhães Lima reclamaria trabalhos de muito graduada perfeição plastica, a começarem quase sem estilo, como quem palestra com crianças e simples. Só assim este povo, tão atrasado e desorientado, mas tão inteligente e bom, poderia, pouco a pouco, perlibar o mel precioso, colher todo o dôce impulso da verdade livre, compreendendo e vivendo o que a má fé certa de invejosos ou de sêtarios aponta com facilidade como arte egoista ou impenetravel, se não como devaneio lunático.

Já como romancista, o seu intento de dar o verdadeiro realismo lhe inspira uma arte superior na comunicabilidade, uma fórma sempre transparente e, comtudo, original.

Os seus romances, depois dos de Julio Dinís e alguns de Camilo, são os mais perfeitamente portuguezes da nossa literatura de ha 60 ânos. Não são muito lidos. Nem por isso deixam de ser modelares.

[23]

Jaime de Magalhães Lima entendeu, como poucos, o romance moderno, sem as taras do excessivo romantismo, ou do excessivo realismo, inversão positiva do primeiro.

Espiritualista corajoso, muito superior, não desprezou a unica lei duravel talvez da estetica positivista: «A Arte deriva do sentimento e idealisa a realidade».

A rigor, não poderia êle dizer como Lessing: «Se Deus tivesse a verdade na sua mão direita e na esquerda o amor sempre inquieto da verdade, e me dissesse:—Escolhe!—eu, ainda que me condenasse a enganar-me eternamente, optaria pela esquerda. Pai—dir-lhe-ia eu—a verdade é só para ti». Não. Jaime de Magalhães Lima não tem a febre da verdade, porque a encontrou plenamente, e disso está convencido. Outra febre sagrada o empolga: é a de ensinar a verdade que professa, ensiná-la na doutrina e no exemplo.

Falamos em Lessing, e o nome deste ingente torturado traz á memoria o do critico Winckelmann, seu colaborador radioso na purificação e dignidade maior da critica alemã.

É que um e outro foram dois excessos, dois exageros combatentes e por certo Jaime de Magalhães Lima, que tanto preza Carlyle, se apaixonou, conhecendo o primeiro, pela orientação alegorista do segundo, todo embebido na alma angelica de Platão, mas tambem muito tolhido pela estetica exangue do pintor Oeser. Porém,—di-lo a sua obra—soube achar o meio termo, como, especialmente no romance, pôs no seu logar Balzac e Vitor Hugo, e saudou a magnificencia de Flaubert sem deixar de amar a concisão espiritual de Tolstoi.

[24]

Tendo esta pujança moral e mental, não se iludiu com o cinismo brilhante de Eça, ora acrata ora aristocrata, nem se algemou na idealização, por vêses excessiva, de Julio Dinís, embora este seja o nosso verdadeiro e grande realista, o Maior dentro dos sentimentos nacionais.

A prova do que afirmamos assim está em qualquer dos romances de Jaime de Magalhães Lima.

Na Paz do Senhor. A analise póde, a espaços, ter demasias, hoje repelidas na morte plena do zolismo.

Não demasias de crueza moral, mas de pormenores que já o Eça detestava no fim da vida.

Mas é rigorosa, metódica, pura. O *meio* emerge inteiro e real, nosso. Não é só o descritivo magistral e animado que o revela: são, principalmente, os caracteres e o enredo.

O que não há é o predomínio pascóvio dos otimismo á Pangloss (degeneração do romantismo), nem os pessimismos sádicos dos Gourmont (realismo triunfante). O meio é *real*, tem aspetos bons e maus, e a moralidade, deixando os sermões, aliás brilhantes, da *Cabana do Pai Tomás*, resulta lógica, sem vergonha de existir, sem medo de cair no ridículo. [25]

Tipos verdadeiros, excelentes: o Valadares, tão nosso, o Antonio Carvalhaes—que a Republica vai ter pela prôa nas proximas Constituintes—o Monteiro, o Mirandinha, o Frederico e o Prospero, este mais vulgar do que os criticos imaginam. Realidades puras: a D. Rosa, o Carlos de Macedo, o Duarte de Melo e a mulher, a Isabel e o seu Basilio—nada parecido com o lustroso mandrião do Eça. A abnegação do Frederico, principalmente, soberba de verdade. Não é um corruto, mas tambem não é um santo. Não é um genio, mas tambem não é um espirito mediocre. O seu sacrificio tem a nódoa dum egoismo, mas é humano dentro duma consciencia iluminada.

E no *Reino da Saudade* e no *Sonho de Perfeição*, a mesma larga vida concècional, o mesmo espirito de religiosidade cristã, mas purissima, caratères nitidos, descrições primorosas, noção profunda da vida agricola, da burguesia-esponja, do preconceito-pólvo, da paixão-álcool.

Tudo assim, igual, perfeito, espontaneo, sem desmandos gritantes, sem covardias morais, sem claudicancias do inteléto. E eis o que sobeja para dar ao nosso romance um rumo seguro e radioso que na França, apesar dos romances-poêmas e dos romances-sociais da escola hodierna, espiritualista-positivista, ainda não foi traçado com gesto definitivo. Mas esse rumo, se o não querem ver, ha de impôr-se. Se o árabe diz a verdade, quando afirma *que os cães ladram, mas a caravana passa*, menos se iludirá quem vaticinar caminho seguro á caravana, só porque coaxam algumas rãs, chamando *desfastios* aos *Contos do Natal* de Candido de Figueiredo, ou a qualquer deliciosa revelação da arte verdadeiramente portuguesa á qual Jaime de Magalhães Lima não dá só muito trabalho, como muito talento e muita consciencia. [26]

*

É lógico que mentalidade tão robusta e sentimento tão sincero dêem um critico notavel. Tal o é Jaime de Magalhães Lima no livro e no jornal, e com o esplendor dum eminente e livre sociólogo, dum democrata livre, sincero, altissimo.

Neste ponto, a nosso ver, a sua obra-prima é aquêle livro, cheio de modestia e luz, d'amor e verdade, chamado *Servo e Menor S. Francisco d'Assis*. Bem sabemos que o critico se inculca como simples decalcor de Sabatier, como, de passagem, sabemos com estranheza que, lendo Macdonell, Howel, Lechwer, etc., se esqueceu de Prudenzano e da amavel Pardo Bazan, nada despidiendos na psicologia admiravel do Patriarca mais republicano da Igreja. [27]

Mas, em toda essa obra sadia e profunda, o seu espirito clarividente, por mais que o oculte, surde com evidencia gloriosa. A narrativa de honesto biógrafo denuncia a vida filosófica de quem a faz, e essa é por vêses muito mais afim do espirito imaculado do Santo, modelo de Democracia pura, do que o do proprio Sabatier, apesar de mentalidade prodigiosa.

Admiradores conhecidos de S. Francisco d'Assis são Guerra Junqueiro e todos os modernos poetas de alma. Um orador brilhante, coragem real no nosso *meio*, Leonardo Coimbra, rasgada democracia numa consciencia livre, terá dito, ou poderá dizer-nos ainda, muito da elevação científica que vive na espiritualidade do imortal revolucionario de Assis. Nenhum, porém como Jaime de Magalhães Lima fêz, do espirito do Santo, o seu proprio espirito.

Nenhum, pois, quanto a nós, póde exceder o valor modelar da sua critica em assunto que é todo da sua alma, na crença convicta, no aneio intimo, no aperfeiçoamento progressivo da bondade, vida livre e fecunda da sua inteligencia e do seu coração.

Estudando Alexandre Herculano e José Estevão, Jaime de Magalhães Lima não pretende fazer estudos integrais. Colhe alguns aspetos, para ele predominantes, e, como vê sem preconceitos e tem uma linguagem nobre, pura, original, deixa dois livros primorosos, perfeitos, completos. [28]

Não tem, não póde ter, a dureza rigida de Gustavo Planche. Este, como dizia o justicador de Balzac, Edmundo Werdet, era—egoista, de coração de aço, de torso do Antinous, de pernas de argila, implacavel com tudo que não fosse obra sua, de estilo corrêto, mas seco e frio.

Jaime de M. Lima é forte, mas tolerante, magestoso mas simples como os patriarcas biblicos.

Ninguém póde tambem esperar dele a venalidade de Sainte-Beuve, o seu espirito de intriga, capaz de felonias como a que perpetrou com o enorme poeta Alfredo de Vigny, o pessimista dolorido.

A grande bondade de Jaime de M. Lima, genializada por uma intensa paciencia, afastam-no da cólera, e a sua desambição perfeita livra-o por completo de transigencias com o logar-comum e com o estrondo sêtario.

Assim, José Estevão é por êle rehabilitado contra os fanaticos de qualquer campo.

Não, o feroso tribuno não foi Danton, vulcão, impeto cégo, catapulta muitas vezes salpicada de sangue.

Não foi, porém, Robespierre, razão fria, espiritualismo e egoismo, astúcia e fé em aliança assombrosa. [29]

Com o vigor do primeiro, não teve a sua impudência: com o bom-senso do segundo, não teve a sua hipocrisia.

Foi muitas vezes Lamartine, até no pleno gosto artístico e no sonho, e foi nos raptos bastante Mirabeau; um Mirabeau com a visão melhor da moderna sociologia, e portanto sem a máscara disforme do homem-tempestade.

No fundo, a sua eloquência era toda de bondade, como a de Fernandes Tomás em 1820, como a de Antonio José de Almeida no nosso tempo.

Se trovejava, os seus raios eram faróis, não eram agentes de cega ruína.

Parece esta a conclusão sintética do belo trabalho de J. de Magalhães Lima sobre José Estevão.

A figura de Alexandre Herculano não a viu com a minúcia, tantas vezes arbitrária, de Taine; viu-a com a verdade ampla dum patriota e crente que nunca esquece o que a pátria e a fé representam na grandeza da Humanidade.

Assim, a conclusão do seu trabalho sobre o maior e mais austero vulto do nosso romantismo deriva sem esforço, luminosa na sua singeleza, das belas páginas em que estudou o grande escritor e grande cidadão—*Alexandre Herculano*, diz, *a todos honrou igualmente, engrandecendo-se e legando-nos um exemplo único e supremo na história do povo português*. [30]

Dizer isto, depois de o provar sem estridor como sem desfalecimento de fé, com vistas sempre originais e sinceras, num estilo belo, com profundas noções científicas em todos os aspectos encarados, significa uma obra primacial, uma obra de eleição, e, na essência, uma completa obra de propaganda da Verdade Maior.

Não aparece o lenhador, e sim o semeador.

O machado e o bisturi trocam-se pela charrua paciente e pela luz do sol sem nuvens.

O crítico não é a torrente cataduposa: é o rio poderoso, mas placido, que nunca reflete nas águas pedaço de céu que não seja amorosamente azul.

Mas, se o supondes lago apático, enganais-vos: a sua serenidade é cheia de vida, e tanto que as suas águas, porque são perfeitamente puras, são adoravelmente limpidas.

Às vezes até, a profundidade da vida lhe dá murmúrios de oceano: é o salmo intenso das crenças perfeitas.

É a Consciência livre, a qual, por mais serena que se eleve, tem sempre muito de Mar e como que de abismo.

Compreende-se talvez agora como é que este crente é, afinal, um avançado socialista, um ardente libertário.

Como seu irmão Sebastião, procura a Pátria Nova. A diferença está apenas nos caminhos. [31]

Aquêle quis ver primeiro em terra o Trono que machadou durante 30 anos.

Jaime nunca se preocupou com as velharias do Passado. Sem as ferir diretamente, rasgou com coragem e fé a verêda do Futuro e, parecendo conservador, é o mais avançado revolucionário.

Porisso a sua nobre tolerância é o mais valente grito de guerra.

Quem assim é tolerante tem a certeza de que o Erro cáí de per si á simples aparição de toda a Verdade.

*

Jaime de Magalhães Lima é talvez assim, visto como que num simples instante.

Fotografado em todos os seus aspectos, seria o mesmo que pedir para êle em vida uma estatua, mais justa do que a de alguns, nunca tão livres de consciência e honestos de verdadeira arte como este escritor, que é notável por isso mesmo que muitos teimam em não o notar.

Nem o nosso caráter nem o dêle—e este muito menos—se comprazem com o mais justificado fetichismo.

Para êle, como para nós, a obra é valor da ideia e não do homem.

O espírito hoje perfeito foi imperfeito, evoluto, e, resplandescente agora, tem ainda sede de [32]

perfeição maior. Não ha grandes nem pequenos, se não de momento. O verme de hoje ha de ser colosso amanhã. O gigante da actualidade foi anão nas trevas do passado.

Apontar Jaime de Magalhães Lima dentro da justiça perfeita, não é, pois, elogiar o individuo: é apelar para um belo manancial de ideias e sentimentos de amor e verdade.

Ha de um dia a literatura dar-lhe o lugar devido. Isso não nos preocupa. O Futuro dignifica sempre o Passado. O que nos póde doer é que muitas almas sequiosas desconheçam tão bela fonte de noções moraes e mentais e se privem, por ingratidão mesquinha do *meio*, do pão artistico e espirital que uma obra tão superior, como a de Jaime de M. Lima, lhes póde ministrar com grandes frutos para a Democracia e para a Verdade.

Esse prejuizo causa horror.

Estão secas as fontes verdadeiramente cristalinas da nossa Arte. Em vês delas, superabundam chafarizes exóticos, canalizando e repuxando aguas duvidosas.

Quem desconhece o intoxicamento moral que elas semeiam?

Quem não comprehende que a nossa jóven Republica precisa de as vedar em beneficio da boa saude da querida Patria Portuguesa?

[33]

Livraria Portuense, de Lopes & C.^a—Successor

119, Rua do Almada, 123-PORTO

JOSÉ AGOSTINHO

OS NOSSOS ESCRITORES:

I—*Guerra Junqueiro*, 100

II—*Teofilo Braga*, 100

III—*José P. de Sampaio (Bruno)*, 100

IV—*Jaime de Magalhães Lima*, 100

LUSIADAS, prefaciados, parafraesados, anotados, e com um vocabulario, cada tomo ou canto, br. 150, enc. 250

LUSIADAS em 2 vol., br. 1\$500, enc. 2\$000

LUSIADAS em 1 grosso vol. os dez cantos, enc. 1\$600

A MULHER EM PORTUGAL, br. 500, enc. 700

O HOMEM EM PORTUGAL, br. 600, enc. 800

O CAMINHO DAS LAGRIMAS (romance historico) br. 600, enc. 800

O PADRE ANTONIO (2.^a edição refundida) br. 400, enc. 600

POEMA DA PAZ, br. 400

MONSTRO, drama em verso, br. 400, enc. 600

DEFINIÇÕES—(verso), 200

As Noites do Avozinho—BELEZAS DA HISTORIA DE PORTUGAL, cada fasciculo, broch. 100, enc. 250

FABULAS, (verso) br. 200, enc. 400

ALEXANDRE HERCULANO, br. 500, enc. 700

EÇA DE QUEIROZ (2.^a edição aumentada), br. 300, enc. 500

D. ANTONIO DA COSTA

HISTORIA DA INSTRUÇÃO POPULAR, 1 vol. br. 500 reis, e enc. 700

NO MINHO, 1 vol., br. 500 reis, enc. 700

TRES MUNDOS, br. 500 reis, enc. 700

ALVARO DE MAGALHÃES

O SECRETARIO, br. 500, enc. 700

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE
THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE
PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed,

viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you ‘AS-IS’, WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™’s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation’s EIN or federal tax identification

number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.